

Olivaram as palavras do Mestre, que disse que o último seria quem quisesse ser o primeiro de todos, e cada um quis ser o primeiro — e se estabeleceram primeiros, segundos e terceiros entre os doutores, contrariamente ao espírito de Jesus — e o último dos doutores acreditou estar acima de todos os outros, que eram do povo.

Porém, quando isso aconteceu, o espírito do Senhor Jesus afastou-se deles. Tudo isso tinha de dar-se, para castigo dos pecados dos homens e cumprimento da misericórdia do Deus de nosso Mestre Jesus Cristo.

Então a igreja pequena, que tinha nascido no seio da igreja, cresceu despropositadamente, e derrubou a igreja universal aos olhos da multidão; porque a multidão julgava que ela era a igreja universal, visto que a igreja universal se tinha retirado do templo, aí deixando a igreja pequena dos mercadores.

A igreja universal passou então a ter os seus altares no coração dos filhos do Evangelho, que são os discípulos do Cristo.

Em verdade vos digo que todo aquele que ama a Deus e ama também aos homens, está na igreja universal estabelecida por Jesus, como ele o disse, e não aquele que foi batizado na água e não ama em seu espírito.

Nesse tempo, os doutores pensavam mais na vida do corpo e nos gozos, que na do espírito e construiam palácios para os seus corpos; tinham fartura de pão, de vinho e de mel, e havia pobres; viviam no fausto, ao lado dos homens que choravam. E enganavam ao povo, dizendo ser isso o Evangelho.

Juntaram mandamentos seus aos mandamentos de Deus — e fizeram muitos mandamentos, dizendo que isso era o Evangelho e enganando o povo.

Seus nomes figuravam entre os nomes dos poderosos e dos dominadores da Terra — e o seu domínio era

maior que o domínio dos príncipes; porque eles dominavam sobre a vontade dos homens — e seus mandamentos tinham mais em vista esse domínio que a caridade.

Alguns cingiram a espada que mata e os demais não condenaram aos que cingiram a espada, antes, nos seus corações ou nas suas palavras, aplaudiram-nos. E houve guerras por causa deles e irmãos se levantaram contra irmãos, por culpa da sua ambição.

Quando isso acontecia, eles invocavam o nome do Senhor para a guerra, diziam que a guerra era santa aos olhos de Deus, e afirmavam que tal era o Evangelho, enganando o povo e alguns de si próprios.

Acostumaram-se ao domínio dos homens e cada vez mais foram alargando esse domínio, invadindo o domínio dos príncipes do mundo e o senhorio de Deus sobre as almas, porquanto quiseram julgar as almas — e julgaram-nas, e condenaram-nas.

Castigaram os corpos pelos pecados das almas e muitos homens sofreram a morte em nome do Cristo, dizendo eles que isso era o Evangelho, enganando ao povo e mesmo a muitos de si próprios, em castigo dos seus pecados e dos pecados dos homens.”

### XXIII

“Se ouvirdes dizer que o Evangelho de Jesus é a guerra e o derramamento de sangue, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho dos rancorosos e vingativos, mas não o de Jesus, que amou os homens e lhes pregou a paz.

Se vos disserem que o Evangelho é o fausto, as riquezas e as comodidades dos ministros da palavra, eu vos digo em verdade que esse é o Evangelho dos mercadores do templo, mas não o de Jesus, que recomen-

dou aos seus discípulos a pobreza de coração e o desprendimento dos bens da Terra.

Se vos disserem que o Evangelho é a água, as mãos levantadas ao céu, as pancadas no peito, as fórmulas e o culto externo, eu vos digo em verdade que êsse Evangelho é o dos hipócritas, mas não o de Jesus, que recomendou o amor e a adoração a Deus em espírito e em verdade.

Se vos disserem que o Evangelho é a resistência às leis e aos princípios que governam os povos, eu vos digo em verdade que êsse é o Evangelho dos rebeldes e ambiciosos, mas não o de Jesus, que mandou dar a Deus o que é de Deus, e ao príncipe o que é do príncipe.

Se vos disserem que o Evangelho é a intolerância, o anátema, a perseguição, a violência e o ódio, eu vos digo em verdade que êsse é o Evangelho da soberba e da ira, mas não o de Jesus, que rogava ao Pai de misericórdia pelos seus mortais inimigos.

Tudo isso foi dito ao povo acerca do Evangelho.

Por que estranhais que João fale assim dos doutores e ministros da palavra? Por ventura julgais que João venha dissimular e escurecer a verdade, que há de ser o alimento espiritual do povo?

Em verdade vos afirmo que vi aquilo que vos digo, e que vos falo em testemunho da verdade; porque o Evangelho é a verdade — minhas palavras são verdadeiras, em testemunho do Evangelho de Jesus — e o Evangelho de Jesus é o testemunho da verdade das minhas palavras.

Não estranheis, portanto, que João fale assim dos doutores e dos ministros da palavra.

Eis o que digo eu á igreja pequena:

Acuso-te de haver deixado a tua primitiva caridade, aquele amor que te ensinou o coração de Jesus, e pelo qual êle morreu na ignorância das gentes, aquele amor

puríssimo que abandonaste, para conceber o desejo de domínio, e o da perseguição pelo domínio.

Fizeste o teu reino neste mundo.

Acuso-te de haver abandonado a tua primitiva mansidão, aquela mansidão com que Jesus falava aos que o insultavam e o cuspiam — e, deixada essa mansidão, te rebelaste contra os príncipes e minaste nas trevas os poderes da Terra.

Acuso-te de haver deixado a tua simplicidade primitiva, aquela com que Jesus chamava a si os pequeninos; deixada aquela simplicidade, foste frágil com os poderosos e arrogante com os humildes do infortúnio.

Acuso-te de haver deixado o teu primitivo desinteresse, aquele desinteresse com que Jesus falava dos bens da vida, sem nunca pensar no dia de amanhã — e, deixado êsse desinteresse, buscaste amontoar riquezas, como os que se esquecem da vida do espírito e só visam as comodidades da carne, e, assim, apagaste a fé do coração dos homens que pensam em seu entendimento.

Acuso-te de haver abandonado a tua adoração primitiva, aquela adoração do espírito com que Jesus se sujeitava, em todos os seus atos e pensamentos, á misericordiosa vontade do Pai — e, deixada essa adoração, acumulaste fórmulas de culto, fazendo-as essenciaias para a salvação das almas.

Acuso-te de haver deixado a tua humildade primitiva, aquela humildade com que Jesus se abaixava aos pés dos seus discípulos — e, deixada essa humildade, consentiste que o orgulho se assenhoreasse do teu entendimento, usurpastes as chaves do céu, condenaste, salvaste, e te idolatraste a ti mesma, fazendo um deus para o teu próprio entendimento.

Igreja pequena! não te maravilhes das palavras de João, antes medita-as e chora — porque já sôa a hora, e o tempo chega de surpresa, como o ladrão.

Igreja pequena! recorda-te dos teus princípios, dos

que esqueceste. Eu, João, te digo: Teus dias não serão contados, desde que de ti se separou o espírito de Jesus até a consumação do teu orgulho.

Volta a ti; converte-te ao Evangelho de Jesus e põe os teus olhos na misericórdia do Altíssimo Senhor, cuja vontade onipotente dispõe dos céus e da Terra.

Não vês que as almas mirram em teu seio, como as plantas privadas de água?

A tua palavra já não é a benéfica chuva, nem o orvalho consolador, mas sim o sopro frio do setentrião que gela os corações.

Igreja pequena! que fizeste da sociedade cristã? Olha ao redor de ti mesma, e responde.

Volve á tua primitiva caridade, á tua primitiva adoração, á tua primitiva mansidão, ao desinteresse e á humildade dos primeiros tempos do século de Jesus Cristo — e o espírito de Jesus voltará a ti; tu serás a sua esposa, e êle o teu esposo, como nesses primeiros tempos.

Medita e óra — e repelirás o demônio do orgulho que te cega o entendimento; porque, então, conhecerás a lei que vem de Deus.

Não cerres os ouvidos ás palavras de João, igreja pequena! porque, as palavras de João, João as escreve, os homens as lerão, e elas se fixarão na sua mente e no seu coração.

Dormes, Igreja pequena; desperta! Falo aos homens: Jesus é o caminho, a verdade e a vida.

Deus é a minha última palavra.

A paz seja convosco, irmãos.

*Eu — João.*

“Irmãos; volto a vós e vos saudo.

Volto, como a pálida luz do astro da noite que vem á Terra, depois do sol ter derramado sobre êla torrentes de luz, de fecundidade e de alegria.

O resplendor vivificante do sol dos Espíritos chegou até vós; bendizei a Deus.

Viajor da Terra, quanto me compadeço de ti e quanto te amo! Pobre viajor da Terra!...

As tuas penas são as minhas também; os teus males também são os meus, as tuas lágrimas são as minhas, como o teu esforço é o esforço da minha alma.

Acabo de chegar da Terra, e ainda sinto as suas misérias. Pobre irmão, pobre viajor da Terra! O teu trabalho é uma felicidade que não conheces e de que duvidas, — e essa dúvida te lacera a alma. Quanto sofres, caro irmão, pobre irmão!...

Mas, ah! Volve os teus olhos para mim. Também o meu trabalho é a felicidade, mas uma felicidade que o meu espírito vislumbrou, verdadeira, como é verdadeiro o sol que brilha todos os dias sobre ti.

E eu podia ter conquistado essa felicidade!... Estava ao alcance da minha mão... Um pequeno esforço, e seria minha!... Sim... seria minha!... seria minha! E não fiz esse pequeno esforço! Lamentai-me, como eu vos lamento, caros irmãos!

Bastava-me amar!... e não amei, como devia.

Permiti, porém, que o meu pobre espírito, a seu turno, reflita sobre vós a pouca luz que pôde receber das estrélas que brillam na profundezas dos céus.

Também a lua alegra o coração do pobre viajor que atravessa de noite as solidões da Terra!

Viajores da Terra, quão dignos sois de compaixão! Viajais nas trevas, e não vedes o caminho em que assentais os pés.

Sem os astros que a Onipotente Mão derramou no seio do universo, a Terra permaneceria eternamente abismada na obscuridade e no silêncio; e sem o calor e a luz dos Espíritos que vêm cumprir a vontade do Altíssimo e os decretos da sua misericórdia, a humanidade continuaria ainda hoje nas trevas da sua infância.

Meu Deus! sei que chegais até o mais íntimo dos meus sentimentos: vêde que já amo; Deus meu... não me abandoneis. Fazei aumentar o meu amor, Deus da minha alma, pois quero amar, e só amar.

Vedes o meu desejo, irmão? Ah! sim, veles: mas não podeis sentí-lo, como eu, porque êle é meu; porque eu o mereci e não vós; porque é o sofrimento que eu mesmo fiz nascer com a minha liberdade.

Entretanto, uma esperança consoladora alenta e fortalece a minha alma: não vi essa felicidade para perdê-la para sempre; porque Deus é Deus.

Vi João submergir-se nesse pélago de felicidade, e ainda ouço as suas palavras de amor e de esperança.

Ama e espera, como eu amo e espero, pobre irmão, pobre viajor da Terra!...

## XXV

“Há deveres reais, verdadeiros, inexcusáveis: disse-o eu ainda há pouco tempo, e disse-o quando ainda vivia entre vós. Mas, vós o sabeis sem que eu vô-lo diga, porque sabem-no todos os que pensam e sentem.

Também sabeis que o dever é a lei imposta pela sabedoria de Deus aos espíritos livres.

O cumprimento dessa lei é o cumprimento da vontade soberana, o laço de união e de atração entre o Creador e a criatura racional.

O dever é, pois, a religião.

Existindo, como existe, o verdadeiro dever, necessariamente também existe a verdadeira religião; de outra sorte, a religião não seria o dever ou a lei emanada de Deus sobre o espírito livre.

Qual será a verdadeira religião?

Antes, porém, permiti-me outra pergunta: Qual será a melhor das religiões?

Em absoluto, a melhor das religiões é a religião ver-

dadeira; mas o absoluto está fóra da capacidade humana.

O homem pôde definir a religião verdadeira, dizendo que ela é, em absoluto, o cumprimento do dever, o cumprimento da lei; mas, nem o homem, nem os Espíritos podem abraçar a lei absoluta do dever.

O dever aumenta e estende os seus limites com o progresso e a felicidade. A vossa inteligência invade cada dia novos horizontes; mas, á medida que ela se desenvolve, a vossa responsabilidade aumenta e as leis do dever se acrisolam.

A religião é, por consequência, progressiva, como o é o dever, que constitúe a sua essência; e a melhor das religiões é a que melhor promove o cumprimento do dever. Em relação ao homem, a melhor das religiões é a religião verdadeira.

A religião verdadeira é o Cristianismo, porque é a única que dirige a humanidade pelo caminho reto do dever. A palavra de Jesus, em alguns séculos, realizou progressos que nunca seriam realizados pela virtude de todas as outras religiões reunidas.

Há manchas que parecem empanar a religião do Cristo; mas estas procedem das fórmas que pertencem aos homens, e não do princípio divino que é a alma da religião cristã. A religião de Roma não é a religião do Cristo; porque o dever que Roma prega não é o dever verdadeiramente cristão.

O dever, na boca do Filho do homem, é o amor na liberdade; porque, sem a liberdade, é impossível o amor; e Roma condena a liberdade e exclui do amor de Deus os que não aceitam os ensinos dela. Recordai-vos de Jesus e das catacumbas; meditai, comparai e julgai.

Jesus oferece a sua vida em holocausto pela salvação de todos os homens e recomenda a caridade, que é o amor a Deus e ao próximo, sem exclusão de publi-